

OL MOICO

Director: Conselheiro W



RIO DE JANEIRO

27 de Fevereiro de
1926

N. 212

ANNO V

A VOZ DO MARIDO:

— «Eva traidora, a tua obra
Foi de ingrata e de villã.

Por que... jogaste na cobra?
Por que comeste a maçã?»

BREVEMENTE

CONSELHEIRO X.X.
HUMBERTO DE CAMPOS



100 contos humorísticos de 60 escritores estrangeiros: francezes, ingleses, italianos, hespanhoes, russos, portugueses, etc. — Pedidos à Livraria Editora LEITE RIBEIRO — RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19 — RIO

EXPEDIENTE

"A MAÇÃ"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Administração: Rua Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19
(Livraria Leite Ribeiro)

Redacção: Rua da Quitanda, 59 — Telephone Norte 7703

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

ASSIGNATURA E VENDA AVULSA

Estados:		Capital:	
Anno.	30\$000	Numero avulso	\$500
Anno (sob registro) ...	50\$000	Atrazado.	\$600
Numero avulso	\$600	Idem, sob registro mais.	\$600

PARA O EXTERIOR

Porte simples:		Registrado:	
Anno	50\$000	Anno	60\$000
Semestre	30\$000	Semestre	35\$000

Publicação retribuida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couché		Em papel assetinado	
1 pagina	250\$000	1 pagina	200\$000
1/2 "	130\$000	1/2 "	110\$000
1/4 "	70\$000	1/4 "	60\$000
Capa anterior - (cores) ..	450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000	
Contra capa, 1a. e 2a. a	350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7	

Toda a correspondencia deve ser dirigida no seu proprietario,
Humberto de Campos

A maioria dos maridos que não amam as suas mulheres, nem por isso deixam de ser ciumentos; olham-n'as como um movel que lhes pertence, e do qual não querem ser privados, máo grado o pouco caso que delles fazem. — **Mme. de Rieux.**

X

No baile fazem-se a maioria dos casamentos; e no baile se desfazem. — **Rochebrune.**

X

A maioria das mulheres acariciam o peccado antes de abraçar a penitencia. — **Fontenelle.**

X

Os celibatarios são os caçadores furtivos do matrimonio. — **Greuze.**

X

Ha bons casamentos; não ha casamento feliz. — **La Rochefoucauld.**

CABELLOS

Uma descoberta cujo segredo custou 200 contos de réis

A Loção Brilhante é o melhor especifico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma fórmula scientifica do grande botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Analysada e autorizada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro e Departamentos de Hygiene do Rio de Janeiro e São Paulo.

Com o uso regular da Loção Brilhante:

- 1.º — Desapparecem completamente as caspas e as affecções parasitarias.
- 2.º — Cessa a quédia do cabello.
- 3.º — Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos voltam á côr natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.
- 4.º — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.
- 5.º — Nos casos de calvicie faz brotar novos cabellos.
- 6.º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

A' venda em todas as Drogarias, Perfumarias e Pharmacias de 1.ª ordem.



SIM!...

Empreguei e aconselho as boas mães

"DENTAL SE"

para corrigir os males tão communs no periodo da dentição; vomitos, colicac, diarrhéa, insonia, etc.

Sua base: — São Pepsina,

Phosphatos, Calcio e Lactose; auxilia o crescimento, engorda e fortifica

CAIXA 2\$000

Em todas as Pharmacias e Drogarias. Depositarios: SANTANNA ARAUJO & CIA. — Rua Buenos Aires 5-2.º andar N. 2540 e 220.

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.

UNICA fiscalisada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro

UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.

CAPITAL: 8.000 contos COM O DEPOSITO DE 500 CONTOS no Thesouro.

PREDIO proprio. á Rua 1.º de Março 110, com frente para a Rua Visconde de Itaboraity, 67. Extrações diarias ás 2 1/2, e ás 3 horas aos sabbados.

Sabbado, 27 de Fevereiro 100:000\$000 — Bilhete inteiro 9\$000

REGULADOR FONTOURA



O
GRANDE REMEDIO
DAS
SENHORAS

PARA
COMBATER AS CAUSAS
QUE ALTERAM
O SEU ESTADO DE SAUDE
E PARA ELIMINAR
OS DISTURBIOS NERVOSOS
AS CRISES DOLOROSAS
E A CONSEQUENTE
DECADENCIA
PHYSICA

3

O SORET faz Homens Fortes e Vigorosos!

Os homens que gozam de saude, vigor e vitalidade são os que atraem ao sexo feminino. Se sois velho e estais esgotado ou se tendes perdido vosso vigor a causa de muito trabalho, por uma enfermidade ou por outras causas, não vos desanimeis, porque o SORET, um remedio composto de accordo com as ultimas investigações scientificas, reconstruirá promptamente vosso organismo inteiro, voltando-vos a energia e a vitalidade, revivificando vossos órgãos com uma vida e uma força novas. Deveis pedir com insistencia o SORET sem accitar substituições.

O laço do matrimonio é as vezes tão apertado que chega a ferir profundamente os braços que une. — Varenne.

—:—

Uma paixão secreta defende melhor uma mulher que a sua propria virtude. — Restif de la Bretonne.

PILULAS DE CAFERANA
DE
ABREU SOBRINHO

FÉBRES

- INTERMITTENTES •
- PALUSTRES •
- SEZÕES •
- NEURALGIAS •
- MALEITAS •

AS CRIANÇAS
DE PEITO
(UJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O
VINHO BIOGENICO
DE **GIFFONI**
AUMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS,
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.

À VENDA NAS BÔAS PHARMACIAS E DROGARIAS.
DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C^ª
RUA 1.^ª DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO.
LIC. D. N. S. PUBLICA Nº 469 DE 16-9-905 (MARCA REGISTRADA)

— PETROL —

Perfuma, ondula, amacia e conserva o cabelo

Deposito Pharmacia e Drogaria Giffoni — 1.^ª DE MARÇO, 17

A PERNAMBUCANA

OFFICINAS GRAPHICAS

*Executa com perfeição e nifidez impressões de albuns, revistas e
~ ~ todo e qualquer trabalho concernente ás artes graphicas ~ ~*

Especialidade em impressões de chromos, trichromias, etc.

Hermes Pottes

RUA PAULO FRONTIN, 103.

Telephone: CENTRAL 2795

(Esplanada do Senado)

RIO DE JANEIRO

Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchites, prostatites, etc.), Leucorrhéa (flores brancas), Metrites: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de effeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)

Telephone Norte 5184

Das 2 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 : : Tel. 6181 Central

A mulher que obedece a seu marido, governa-o. — Setanti.

×

A mulher não é seduzida senão quando o quer ser. — P. Ventura.

O pudor é o parente mais proximo da virtude. — Mme. de Coulanges.

FALLENCA DE UMA FIRMA IMPORTANTE

Após ter causado grandes presjuizo a mui conhecida firma Rins, Bexiga, Prostatite & Cia., doença collectiva por acções do portador, está condemnada a desaparecer de circulação desde que seja atacada no fôro intimo pelo admiravel *curador* que se chama **BLÉNOL** e se encontra em todas as boas pharmacias e drogarias.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44.

AS DOENÇAS PROVENIENTES DA

Impureza do Sangue

Molestias da pelle, Escrophulas, Dôr nos ossos, Boubas, Rheumatismo, Feridas, Ulceras, Dартhros, Eczemas, Fistulas, Empigens.

SÃO DEBELLADAS PELO **TAYUYA'** DE SÃO JOÃO DA BARRA



O "FLUXO-SEDATINA" é o GRANDE REMEDIO DAS SENHORAS e SENHORITAS em todas as idades.

— POR QUE? —

1.º — Porque as PALPITAÇÕES, Dôres de cabeça, ENJOOS, Vista turva, PESO NA CABEÇA, Vertigens, DORES NO VENTRE, Falta de memoria, CANSAÇO, Falta de animo, VOMITOS, Falta de appetite, que PROVEM SEMPRE do utero doente, que faz da mulher um CA-DAVER VIVO, desaparecem rapidamente com o uso da "FLUXO SEDATINA".

2.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" combate com vigor as IRREGULARIDADES da menstruação, como REGRAS dolorosas, REGRAS excessivas, FALTA de regras, SUSPENSÕES, COLICAS uterinas, CORRIMENTOS e INFLAMMAÇÕES DO UTERO.

3.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" engorda, restitue a ALEGRIA e a SAÚDE ás MOÇAS PALLIDAS, ANEMICAS, que soffrem de FLORES BRANCAS, Nervosia, INSOMNIA, Hysterismo, MAL-ESTAR e Doenças proprias da sua idade.

4.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" evita os abortos e suas CONSEQUENCIAS FATAES e nos Partos é um PODEROSO AUXILIAR, facilitando, diminuindo as dôres e EVITANDO as HEMORRHAGIAS.

5.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" é o unico medicamento efficaz que NUNCA FALHA. E' o GRANDE REMEDIO do utero, calmante, REGULADOR, sendo DIARIAMENTE receitado pelos medicos e pelas parteiras, e usada com resultados CERTOS em todos os Hospitaes e Maternidades da America do Sul.

Licenciado pelo D. N. S. Publica, sob n. 67, em 28 de Junho de 1915

Gonçalo de Alarcão

"Tableau" !

O negocio está complicado e ninguém sabe ainda em que acabará. O conhecido banqueiro tem um automovel, que chama sempre a atenção dos amigos. Uma tarde d'estas, um d'elles, seu contraparente, viu o carro parar em frente a uma casa duvidosa da rua Riachuelo. A' noite encontraram-se, o banqueiro e o amigo.

— Então, malandro, por onde andaste hoje ?

— Eu ? Por que ?

— O teu automovel então andou hoje sozinho ?

E o desgraçado, ingenuo:

— Não, filho; quem hoje andou nelle o dia todo foi minha mulher, que, á tarde, emprestou-o á tua...

Tableau !

×

A cadellinha

O eminente homem publico, estimadissimo das senhoras, possui, entre as suas melhores amigas, uma senhora distinctissima que tem uma cadellinha de estimação, a qual é conduzida pela proprietaria no seu sumptuoso automovel. Uma d'estas tardes, o carro parou em frente ao Arthur Napoleão. O illustre politico precipitou-se para beijar a mão á elegante passageira, mas deteve-se, ao ver a cadellinha.

— Pode approximar-se, que ella não morde, — declara madame.

— E se morder ?

— Não morde não; não está vendo como ella está mexendo com o rabo ?

— Estou, sim; mas...

— Mas...

— E' com o rabo que ella morde ?

Pirralhadas...

As creanças constituem um perigo permanente para as senhoras galantes. Madame tem um filhinho de quatro annos, de uma vivacidade encantadora. E foi esse pirralho que poz a coisa a perder.

O marido de madame havia ido a S. Paulo, a negocios, e passou alli uma semana. No dia do regresso, que foi no diurno, estavam todos á mesa, quando o pirralho interveio:

— Mamãe, o papae vae dormir hoje na tua cama ?

— Ora, meu filho; por que não ? — observou a mãe, despreocupada.

E o pirralho:

— E onde é que vae dormir aquelle moço que tem dormido lá ?

O resto... foi com a Justiça.

×

O ferimento

O baile carnavalesco ia animado, no Palacete. O "jazz" estrugia doido, como se todos os instrumentos tivessem bebido "champagne". De subito, em uma das salas, começa a juntar gente.

— Que foi ? Que foi ?

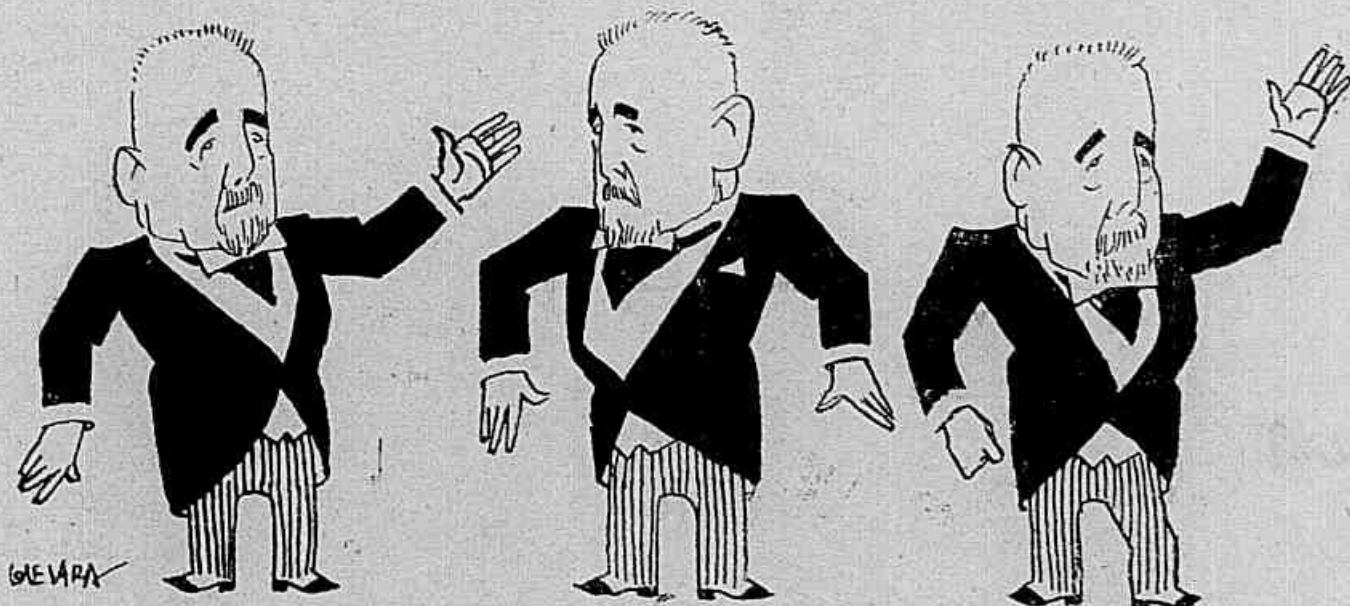
Era, dizia-se, um caso simples. A illustre senhora, em uma luta de bisnagas, havia partido a sua indo um pedaço de vidro enterrar-se na sua perna. o sangue desceu, inundando a meia.

— Um medico ! — pediram.

Accorre o dr. Mauricio Gudin. Olha a perna da moça, sem olhar á ferida. E grave, a testa franzida:

— Madame, a senhora me garante que esse seu sangue é de ferimento recente ?

BONECOS FALANTES



O SR. BUENO BRANDÃO: — Sr. Presidente, o que eu peço é "harmonia"... Porque eu não sou, sr. Presidente, d'aquelles que levam esta vida na "flauta"!

O XICOTE DO BABÁU POR JOÃO DO NORTE (Gustavo Barroso)

Um casal desgraçado aquelle que morava num infecto casebre, vivendo como gato com cachorro, na rua de S. Luiz, no pauperrimo bairro do Outeiro.

Passavam dias com fome o marido, a mulher e os oito filhos, dos quaes o mais velho tinha nove annos. Uma miseria! O marido, o Xico Dutra fôra marceneiro, porem, depois que tivera um ameaço de congestão dera para preguiçar e para beber, tornando-se em casa um verdadeiro demonio. Por da cá aquella palha mettia o cabo de vassoura na mulher, a pobre Mathilde, pallida, escaveirada e triste como um vestido preto, sempre a moirer curvada sobre a machina de costura e ás vezes a pensar no bom tempo em que o Dutra trabalhava, trazendo para casa um pouco de abastança e dando-lhe um pouco de amor.

Quando elle, o infeliz ebrio, adquiria por um pequeno serviço ou por pedidos na rua alguns nickeis, comprava comida, cosinhava-a, vigiando a panella, tendo contado os pedaços para ninguém poder roubar, se porventura coxilhasse, e comia sosinho, sem se apiedar dos filhos famintos, da abnegada mulher que por vezes não tomava uma chicara de café, afim das creanças terem um pouco mais. E á menor observação que ella cahisse na asneira de fazer-lhe, batia-lhe a valer, sahindo em seguida para a rua e deixando-a chorar de dôr, de raiva, de indignação.

Perto, tinha uma venda de seccos e molhados, na esquina, o Babáu, Manoel Nicolau da Silveira, que fizera fortuna na Amazonia e possuia bom coração. Era elle quem uma vez por outra impedia aquella pobre gente de morrer de fome, supprindo-a com um generoso fiado. O Babáu gostava de passear a cavallo, de tarde, todo de branco, com perneiras de couro de lustro e esporas de prata.

Uma noite, recolhendo o cavallo espantou-se rente a um velho muro, defronte da casa do Xico Dutra, por causa duns meninos que brincavam a "manja" correndo pelo meio do matapasta viçoso, e atirou o cavalleiro ao chão. O Babáu levantou-se, limpou a poeira do rosto com o lenço, pegou o cavallo assustado, tornou a montar e foi embora, praguejando; esquecera, porém, na areia, o seu rebenque de estimação, solto da corrente do pulso pela violencia da queda, — xicote feito na terra pelos presos da cadeia publica, de sola trancada com um cipó por dentro, do

comprimento dum metro, forte e flexivel como uma vergasta de baleia.

Ao outro dia, de manhã, passando por alli, o Dutra encontrou-o e logo o levou para casa. Dependurou-o dum prego, na sala, e ao perguntar-lhe Mathilde porque o não mandava entregar ao dono, um homem tão bom, que sempre lhe vendia fiado, respondeu asperamente:

— Porque preciso muito d'elle para o teu lombo lingua de sogra, jararaca, pedaço de mau caminho!

Ella curvando a cabeça sobre a costura, deixou que as lagrimas rólassem aos pares pelas faces murchas. O marido foi embora. Durante o dia, sosinha, pensou muito nas humilhações que soffria quasi diariamente, resolveu armar-se de energia e acabar com aquelle inferno logo duma vez. Tiraram-lhe as ultimas duvidas e os derradeiros receios os saltares conselhos duma vizinha e comadre a quem recorria nas occasiões de afflicção.

Ao escurecer, o Dutra chegou. Vinha bebedo como de costume. Ao pôr o pé dentro de casa, perguntou se havia com que jantar, de olhos avidos para o xicote. Não havia comida alguma. Furioso, ameaçou-a. Mas, antes que lançasse mão do latego, ella dum salto d'elle se apoderou e, sem dizer uma palavra, sem proferir uma ameaça, rangendo os dentes, açoitou-lhe o focinho deslavado e o corpo todo até que se cançaram os seus pobres braços magros. O covarde, sob o peso daquella nunca esperada reacção, perdida a energia e a força moral ante aquella resolução de jamais a julgára capaz, encolheu-se e apanhou como uma criança.

Limpando o suor do rosto com a manga da blusa, resfolegando de cansaço e de emoção, ella dependurou o rebenque no prego e falou:

— Agora elle fica guardado ahi para o seu lombo, para todas as vezes que me fizer desa-fôros!

Os meninos espreitavam das portas, rindo baixinho, medrosos e ao mesmo tempo contentes, porque a mãe dominava aquelle pae que os aterrorisava e que gostava tanto de bater em todo o mundo. O Xico recompoz as feições, chamou o mais crescido e ordenou-lhe:

— Carlos, vá deixar lá na venda o xicote de "seu" Babáu. Eu não gosto de objectos alheios na minha casa.

JOÃO DO NORTE

O HUMORISMO NOS ESTADOS (Maranhão)

MARTELLANDO...

Ha, pelos Estados, neste momento, um grupo de rapazes de espirito, que fariam successo no Rio. No Maranhão, por exemplo, ha, no "Diário de São Luiz", uma secção diaria, assignada com o pseudonymo Tito Novaes, que é verdadeiramente modelar na graça e na malícia. E' a esse autor, e a essa secção, que tomamos os versos que se seguem:

Realizou-se em Paris, no club "Jeunesse", um torneio de bilhar, no qual sahio vencedora a senhorita Edmée Auri-court, que fez, de uma tacada, 625 caram-bolas.

(Da "Revista da Semana", do Rio)

Ha gente que joga muito,
Mas que tantas nunca fez!
Eu, ainda quando moço,
Nos dias em que jogava,
Por muito feliz me dava
Com as tacadinhas de tres.

Jogando, uma vez, sósinho,
Com a filha de um militar,
Num bilhar bastante usado,
De tabellas carcomidas,
Perdi todas as partidas...
Que noite, leitor, de azar!

Ella até jogava pouco,
Não jogava como eu jógo!
Mas a sorte assim queria:
— Quando eu menos esperava,
A moça se adiantava,
Ou então acabava logo!

Quasi tudo, nessa noite,
Se voltava contra mim!
O taco "espirrava" muito,
Era curto e muito leve...
E a gente, leitor, não deve,
Nem póde jogar assim!

Por isso perdi o tempo,
Mas serviu-me de lição.
Nunca mais joguei com ella,
Nem ella já me convida...
Se ficára aborrecida,
Comtudo não tem razão!

Ha bilhares que, de velhos,
O panno mudou de côr;
Se as tabellas ficam molles,
Não supportam tres tacadas,
Nem nas bolas bem jogadas
Tem certeza o jogador!

E o jogo depende muito
Da calma e da posição...
Não é só pegar no taco:
— Carece de um certo geito;
A bola, perdendo o effeito,
Tambem perde a direcção!

O bilhar fascina a gente,
Tem do jogo o eterno dom!
Eu nunca me esqueço d'elle,
Tanto assim que tenho um taco...
Se perco, não dou cavaco,
Mas quando o bilhar é bom.

Hontem, quando Maria Luisa, resi-dente no Codozinho, procurava metter um prego na parede do quarto para collocar um quadro, parte da mesma cahiu, pro-duzindo lhe dois ferimentos na cabeça.

(Dos jornaes)

Quando a gente mette um prego,
Cuidados carece ter;
Isso é um caso muito sério!...
Não se mette um prego á tôa:
E' preciso que a pessoa
Repare o que vae fazer!

Primeiro, leitor, que tudo
Convém se verificar
Se o prego tem boa ponta,
Se, de facto, está perfeito,
Ou se tem qualquer defeito...
— Mas antes do prego entrar.

Isto feito, se procura,
Desde logo, conhecer
Se acaso o logar se presta,
Se offerece resistencia,
Ou se falta consistencia
Para o prego receber.

Além disso é necessario
Ter-se em vista a posição;
Se quem dê a martellada
Não tiver a mão segura,
O prego, leitor, não fura,
Entorta... não entra... não!

Se a madeira é resistente,
Ou se o prego não se apruma,
Ha um meio muito facil
Que o serviço simplifica:
Nesse caso então se applica
"In primo loco", a verruma.

E' assim que se procede,
Não se faz o que ella fez...
Pois quem vae metter um prego,
Faz a escolha do logar,
Mette o prego de vagar...
Não ataca de uma vez!

Primeiro se acerta a ponta,
Depois dá-se a martellada:
Dá-se uma, dá-se duas,
Póde mesmo dar-se tres,
Mas "uma de cada vez",
Não todas de cambulhada!

Esse é o meio mais seguro,
Diga o povo o que disser;
No entretanto todo aquelle
Que observal-o não queira,
Metta o prego da maneira
Mais suave que puder.

T I T O N O V A E S

Mettendo "ferro"...

A scena passa-se na estação das barcas de Nietheroy. O seio, enorme como um melão, posto para fóra, a mãe procura metter o bico do peito na bocca do pirralho que berra, não querendo acceital-o. Diante d'elles, um cavalheiro, que não é outro senão o dr. Nogueira da Silva, secretario da presidencia do Estado, vira o rosto, aborrecido.

— Toma, nenem, toma o peitinho... — diz a pobre mãe, ao menino.

E como este persiste recusando-o:

— Toma.. Não quer, não?... Olha, se você não quer, eu dou alli pr'o moço...

A creança agarrou o peito.

X

As "bebedeiras" de Rubinstein

Rubinstein, o grande compositor, possuia duas desculpas para andar embriagado: era russo, e bebia demais. Em um banquete offerecido em Paris aos professores do Conservatorio de Moscou, uma senhora ingleza que o queria entrevistar para um jornal de Londres arranhou meio de ficar ao seu lado.

— O senhor tem filhos? — indagou a dama, com habilidade.

E Rubinstein, virando o decimo copo:

— Palavra d'honra, madame! se eu tenho filhos não sei. O que sei é que minha mulher tem tido uma porção e que a casa está cheia de creanças!

A ingleza não insistiu na entrevista.



A combinação

Certa dama parisiense, conversava com Tristan Bernard; allude ás "combinações" para senhoras.

— Que é que madame chama "combinação"?

— A combinação é uma calça e uma camisa reunidas em uma unica peça de vestuario.

— E é feita de que?

— De seda, de linho, de cambraia... Depende do gosto.

— E as cores?

— Dá em que se quer? Eu prefiro rosa.

— E' aberta ou fechada?

— Ah! isso é uma questão de gosto pessoal... Eu por exemplo, prefiro as abotoadas.

Tristan para um instante:

— Então não conversemos mais.

E grave:

— Abotoada a calça... está tudo acabado!...

Na agencia de creados

— Eu quero um creado moço, forte, bonito, branco... — informa a senhora idosa, cincoenta de cabellos postiços. — Dou-lhe duzentos mil réis por mez; e se me agradar...

— ?...

— Eu caso com elle.



— Patrão, eu creio que a patrão já desconfiou de alguma cousa...

— Qual nada, Joanna! A tua patrão então não sabe que eu... ha dez annos estou fóra de serviço?

X

Fazei por uma mulher todos os sacrificios; nunca os agradecerá bastante, nem os considerará sufficientes. — Duperche.

Officinas de Gravura

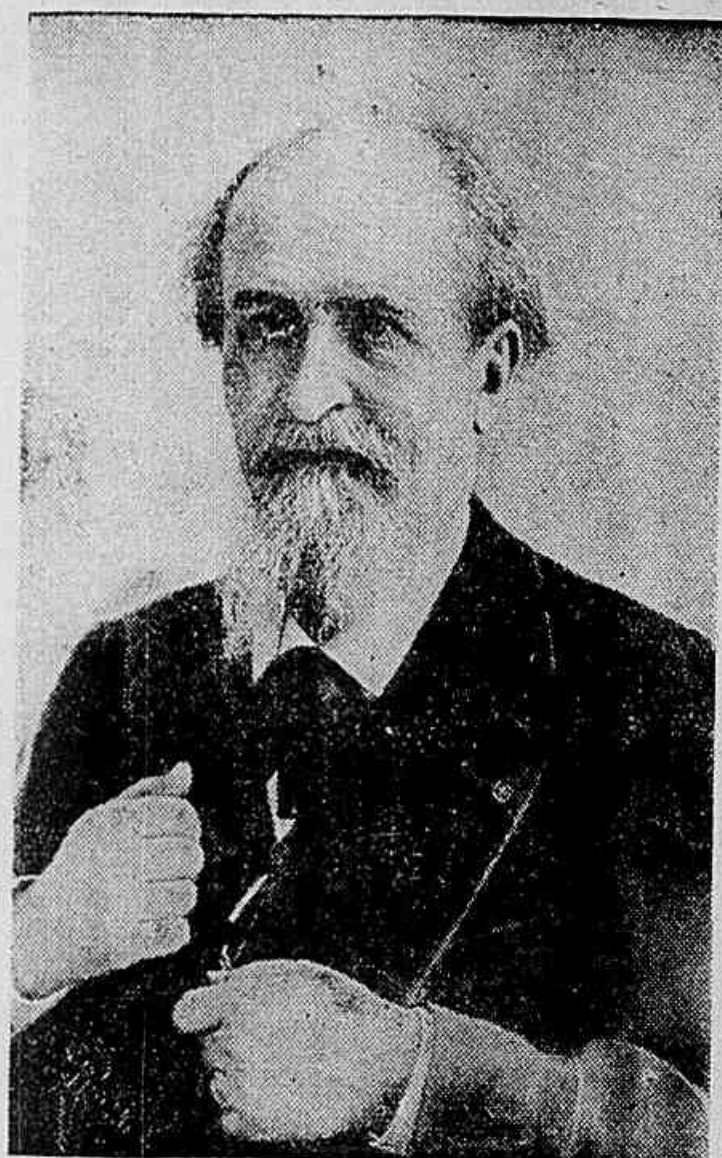
sob a direcção technica de

José Pastor

RUA PEDRO I - 47

(EDIFICIO DA CASA DOS ARTISTAS)

TELEPH. C. 1201



||| ||| ||| ||| |||

OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

HUMBERTO DE CAMPOS)
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

—
O escriptor mais lido e popular do Brasil

—
O autor mais alegre!

—
O humorista mais subtil!

||| ||| ||| ||| |||

ESTA' A' VENDA!

Pombos de Mahomet

BROCHADO 6\$000 — ENCADERNADO 8\$000

Volumes já publicados :

VALLE DE JOSAPHAT	18.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
O TONEL DE DIOGENES	16.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A SERPENTE DE BRONZE	12.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
GANSOS DO CAPITOLIO	15.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A BACIA DE PILATOS	12.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
A FUNDA DE DAVID	6.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
GRÃOS DE MOSTARDA	6.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

Cada volume contém 120 chronicas maliciosas e do mais fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste e a sorrir a mulher mais melancolica.

— PEDIDOS Á —
LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17, e 19
— RIO DE JANEIRO —

O Maluco

Director • Conselheiro • XX

ANNO V -- N. 212

RIO DE JANEIRO, 27 DE FEVEREIRO DE 1926

O Cavallo indiscreto

— Olha, tu vaes, mas com uma condição: quando voltares, contar-me-ás todas as particularidades da tua "lua de mel". Promettes ?

— Prometto !

Foi assim que se despediram, na pequena estação de estrada de ferro, a Therezinha Santos e a Abigail Bandeira, que acabava de casar-se com o joven engenheiro Lima Bandeira, o qual se mostrara um perfeito especialista em minas indo descobrir naquella fazenda de Santa Engracia, no interior de S. Paulo, aquelle diamante vivo, que era a filha do coronel Fortunato Praxedes.

Dois beijos mais, um silvo de animal assustado, e a machina partia levando os carros, e um dos carros levando os noivos.

Por essa despedida pôde-se imaginar a anciedade, a afflicção, o nervosismo, em que a Therezinha Santos foi receber á estação, quinze dias depois, a amiga que regressava. E a sua anciedade era tamanha, que, assim que a outra saltou, a seguiu logo pelo braço, fazendo questão de leval-a na sua "charrette", indo o marido, e as pessoas que tinham ido recebê-los, nos outros vehiculos da fazenda.

— Anda! Vamos aqui! — convidou, imperativa, cobrindo a outra de beijos.

O chicote, manejado pela mão-sinha nervosa da moça, estalou no ar, e o cavallo, arrastando a "charrette", partiu, estalando os cascos pelo barro da estrada e distancian-

do as duas, a noiva e a amiga, do resto da comitiva.

— Agora, conta... — pediu Therezinha, os olhos humidos de curiosidade, voltando-se para a amiga.

A outra relutou, corando. De tal forma, porém, a primeira instou, que a recém-casada, entre envergonhada e orgulhosa, começou a contar, com todos os detalhes, as occurencias da sua primeira noite de casamento.

— Ah, menina! é assim ?

— E depois ?

— E depois ?

— Muito ?

— Coitadinha ! E depois ?

— Ah, menina, que horror!... E depois ?

Nesse momento, no entanto a "charrette", sem que as duas dessem por isso, parava em frente á casa da fazenda. Therezinha pulou primeiro. Ao olhar, porém, para o cavallo, ficou, de subito, muito pallida, muito branca, e, em seguida, vermelha como um tomate:

— Abigail, minha filha! — clamou, horrorizada.

E indicando o animal, que, nesse instante dava todos os indicios de ter visto uma poldra, que pastava ao longe, no pateo grammado:

— Queres vêr, minha filha, que este maldito cavallo escutou a nossa conversa todinha ? !...

CONSELHEIRO X. X.

DISPARATES DE GASTÃO PENALVA

Comparo a moda a uma senhora de má fama cuja convivência os maridos proíbem ás esposas. Mas desmancham-se em gentilezas, quando a encontram na rua.

★ ★

Aquelle bandido !

Levou-me a mulher que adoro; deu-lhe a jantar; foi com ella ao theatro. Mais tarde, ceiam juntos, e partiram num automovel veloz para dormir na mesma cama. E ella, a perfida, que vive a jurar-me fidelidade !

Ora, deixal-o. E' a esposa delle...

★ ★

A mulher entrega-se por amor, por curiosidade ou por interesse; pelas tres cousas ao mesmo tempo, ou por nenhuma dellas.

★ ★

Passámos, eu e o meu cão, por um açougue onde uma linda mulher comprava carne. E ambos tivemos a mesma tentação.

★ ★

Sonhei que me havias sido roubada. E o meu trabalho, no outro dia, a procurar-te em todas as casas de prégo !

★ ★

Amizade amorosa... O supremo consolo dos eunuchos do amor platonico.

★ ★

As abelhas têm um pessimo costume: depois do Acto Indigno, anniquilam os machos. O peor é que os machos não se emendam. Tornam a cahir na cilada.

Si a moda péga entre humanos, quanta vestal do sexo barbado !

★ ★

Nossos destinos são parallelos como os trilhos dos "bonds". Nunca se encontram.

Isso diziam, mas a sorte é ironica. Encontraram-se uma vez. Foi justamente quando eu estava "no desvio".

★ ★

O homem que fala duas linguas fala por dois homens — dizia Napoleão.

Isso são os homens. Sei de uma mulher que, mal conhecendo a lingua della, fala por dez mulheres.

★ ★

O amor platonico é o amor dos desdentados. Quem tem bons dentes fatalmente come.

★ ★

A mulher ciumenta tem muito de cão de caça. Fareja na multidão a amante que o marido tem, ou ainda vae ter.

★ ★

— Tenho a certeza de que aquella casa de onde sahiste é uma casa suspeita.

— Como podes ter certeza, si é suspeita ?

GASTÃO PENALVA

PRAIA DO FLAMENGO



Duas banhistas, em banho... de sol.

ANECDOTARIO GALANTE POR ADOLFO PADOVAN

Cavallaria

Um dia, ao entrar na sua alcova, o príncipe de Charolais encontrou ahi, vestindo-se, e conversando com a sua esposa, o senhor de Bussac.

— Sáia! — gritou-lhe o príncipe, apontando-lhe a porta.

— Senhor, — observa-lhe de Bussac, detendo-se, — os vossos antepassados não diriam: “sáia!”; diriam: “saíamos”!

E continuou a abotoar os seus punhos de rendas.

X

O Beliscão

Certa princeza de sangue subia a escadaria do castello real de Versailles, quando um soldado da guarda, que a não vira de frente, suppoz tratar-se de uma pessoa do seu conhecimento e applicou-lhe um forte beliscão em lugar prohibido.

— Atrevido! — exclamou a dama, virando-se, indignada.

— Ah! madame! — fez o guarda, reconhecendo o seu erro.

E entre temeroso e galanteador:

— Se tendes o coração tão duro como o lugar em que toquei, sou um homem perdido!...

A princeza sorriu, e perdoou.

Allusão maliciosa

O marechal duque de Saxe, cuja bravura era uma das garantias do reino de Luiz XIV, encontrando-se um dia com a marquesa de Pompadour achou-se no dever de offerecer-lhe o braço.

— Vejam quem alli vae! — exclama um mal-dizente.

E indicando-os:

— A espada do Rei, e a sua bainha!

X

Para que trocar?

A duquesa de Beaufort era de uma belleza tão impressionante, que, ao vel-a, Henrique IV resolveu esposar-a sem demora. Para isso, chamou elle a Sancy, e disse-lhe:

— Ficaes nomeado embaixador em Roma. Ide para alli, e fazei com que o Papa annulle o meu casamento com a rainha Margarida. Eu casarei, logo depois, com a duquesa de Beaufort.

— Mas, por que, Sire?

— Margarida, vós o sabeis, não é de bons costumes.

— Mas, Sire, — torna Sancy, — prostituta por prostituta, por que não fica Vossa Magestade com aquella que já tem?

X

O Shah e o Imperador

Quando o Shah da Persia, Mohammed Ali, esteve na Europa em 1909, Guilherme II preparou-lhe em Potsdam a mais impressionante das recepções. Ao alto da escadaria do palacio formava toda a familia imperial, destacando-se ao lado do Kaizer a imperatriz, com a sua phisionomia de martyr e a sua cabeça quasi branca.

Guilherme II apresentou-lhe a esposa e os filhos. Momentos depois, Mohammed, impressionado, insistia:

— Aquella é, mesmo, a tua esposa?

E espantado:

— Com aquella idade, e ainda não a trocaste?

X

O Calvario e a Cruz

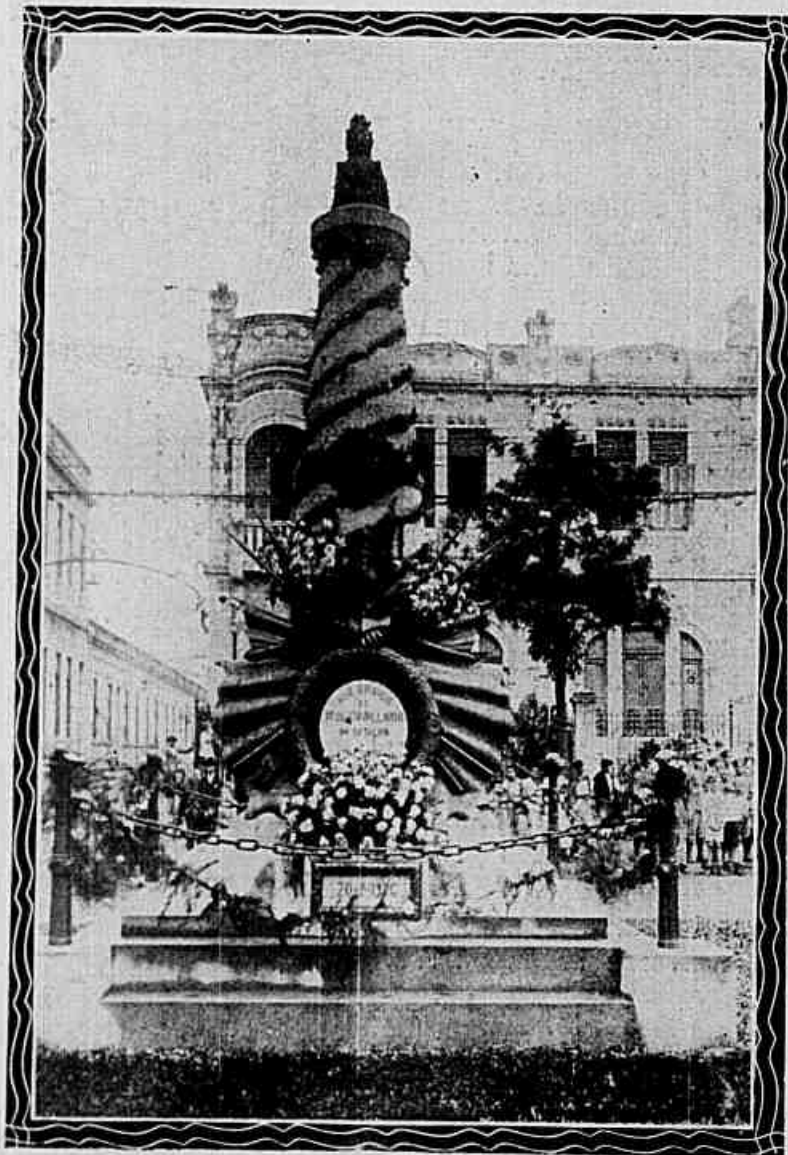
Gregorio XVI palestrava com um dos seus cardeaes de uma das janellas do Vaticano, quando viu passar em baixo, na praça de S. Pedro, uma linda princeza cuja formosura toda a gente admirava, e a quem admiravam, sobretudo, os monsenhores. Sobre o collo da fidalga, excessivamente á mostra, faiscava uma linda cruz de brilhantes.

— Que bella Cruz!... — fez o cardeal.

E o Papa:

— E que lindo Calvario!...

COMMEMORAÇÕES MILITARES



O monumento Commemorativo da batalha de Passo do Rosario, erguido, esta semana, na Avenida Pedro Ivo.

ADOLFO PADOVAN

A CONSTELLAÇÃO DO "TRÒ-LÓ-LÒ"

LIA BINATTI

Por ocasião da estréia, em fins de novembro ultimo, do Theatro Gloria, chamava a atenção do publico, entre as artistas de comedia e de revista já conhecidas, uma, que não lhe era familiar. A peça levada, "Fora do Serio", do Conselheiro X X e do Barão de Oelle, ou antes, de Humberto de Campos e Oscar Lopes, possuia um quadro que fez successo desde a primeira representação. Era a "Historia da Baratinha", em que esta, na sua casinha de boneca, esperava ansiosamente o seu noivo. E chegavam os "bichos", um a um. Primeiro, o cachorro:

— Baratinha, Baratinha, você quer casar commigo ?

— Como é que você faz de noite, "seu" cachorro ?

— Eu metto o rabo entre as pernas, po-nho a cabeça sobre as patas, e durmo. Se, porém, é noite de luar, ladro á lua.

— Hoje é; como é que você faz ?

E o cachorro:

— Faço assim: au ! au ! au !...

E vinha o gato. E vinha o veado, arisco e convidativo. Só não vinha, mesmo, o elephante, por ser o papel pequeno demais... para as suas grandes necessidades.

O successo do quadro estava, porém, todo, na Baratinha. Com as suas azas de tarlatana, a sua carinha meuda, toda ligeira, toda farfalhante, a personagem que dava nome ao episodio interessava a platêa desde que entrava em scena, com o seu espelhinho na mão, empoando o seu rostinho de insecto. E ainda interessava mais quando se lhe ouvia a voz estalada, metallica, em que se não perdia nas frases uma palavra, e em que nas palavras não se perdia uma syllaba, — cousa pouco vulgar nos palcos do Rio.

— Mas... quem é essa Baratinha ? — perguntava-se.

— E' a Binatti... a Lia Binatti...

— E quem é a Binatti ? — insistia-se.

— Oh, homem ! não sabes ? E' a Danilo !

— Ahn !... — fazia o interlocutor, comprehendendo.

Lia Binatti havia sido, realmente, até então, uma artista que realizava esta cousa absurda: tinha fama, tinha admiradores, tinha publico, mas... não tinha nome. Era como certos licores, que o individuo bebe, gósta, elogia, mas nem sempre conhece porque a garrafa não tem rotulo.

Essa singularidade era, comtudo, explicavel. Nascida em Amparo, em São Paulo, de paes italianos, andava Lia pelas suas dezesseis primaveras quando estreou, em papel de experiencia, no Theatro Bôa-Vista, na capital do seu Estado, no "elenco" da Companhia Arruda. A vivacidade do seu espirito, a gracilidade da sua fi-

gura, a pureza da sua dicção, denunciaram nella, promptamente, uma artista de futuro. E esses predcados, alliados á sua mocidade desabrochante, foram motivo, logo, para a concurrencia dos empresarios.

— Dou-lhe quinhentos mil réis por mez ! — offereceu-lhe o Arruda.

— Dou-lhe setecentos ! — prometteu outro. Foi, então, quando o Danilo, um dos artistas da Companhia, appareceu.

— Pois, eu dou mais ! — propoz.

E entre a estupefacção dos outros:

— Eu... caso com ella !...

Nesse mesmo anno ficava formado o "duo" dos "Danilos", no qual Lia Binatti fez desaparecer o seu nome individual, para fazer resaltar unicamente a popularidade do casal. Elle era o "Danilo". Ella, a "Danila". E os dois: "Os Danilos". E partiram, São Paulo a dentro, os dois cantando cançonetes, dizendo versos, reproduzindo quadros caipiras, desempenhando, em summa, um programma ligeiro, leve, mas recibido por toda a parte, sempre, com successo e com agrado.

Paulistas do interior, conhecendo o caboclo no seu "habitat", os "Danilos" especializavam-se nas scenas caipiras, aproveitando, para o caso, anedoctas pittorescas e maliciosas. Assim, juntos, correram elles S. Paulo todo, o Brasil todo. Fôram ao Uruguay; foram á Argentina. Atravessaram o oceano, e foram a Portugal. Em Lisbôa, fizeram successo. Incarnaram os dois, em summa, o "duo" mais harmonioso e permanente, entre quantos percorriam o norte e o sul, ganhando a vida, como as cigarras, por este mundo de Deus.

Em 1925, emfim, conseguiu José do Patrocinio que os "Danilos" abandonassem a vida errante e bohemia. Os dois accederam. E fôram um successo, no "Tro-ló-ló". O palco de revista não lhes causou estranheza. Eram artistas feitos.

Hoje, é Lia Binatti uma das "estrellas" do "Gloria". Espirituosa, viva, gostando de lêr, assegura o successo a todo papel que lhe distribuem. "Coquette", faz o possivel para merecer os applausos com que é recebida.

— Eu faço questão, principalmente, dos applausos das mulheres... — diz.

— E dos homens ?

— Dos homens, tambem.

Mas explica:

— Em primeiro logar, do Danilo; depois, dos outros; mas entre o Danilo e os outros, eu ainda colloco o "Nenen".

E aponta, no tapete, quieto, um cachorro do tamanho de um bonde.

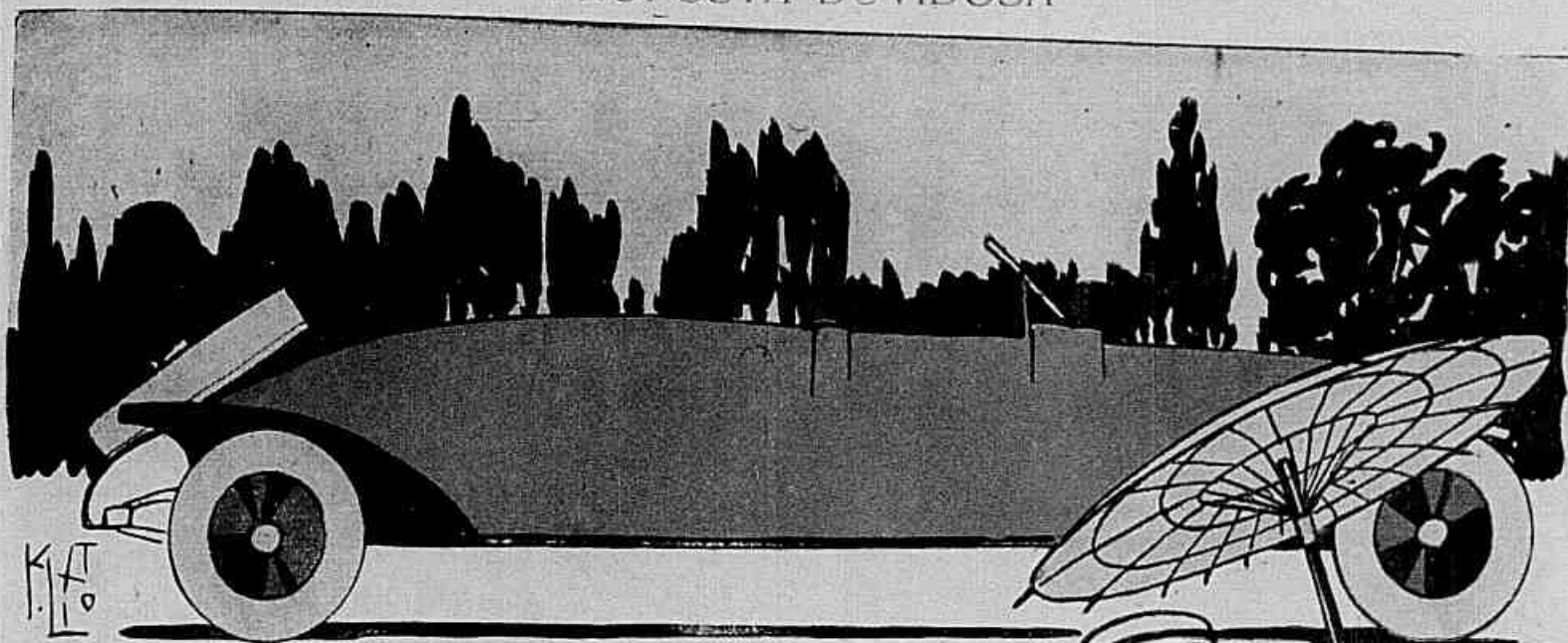
A CONSTELAÇÃO DO "TRO-LÓ-LÓ"



LIA BINATTI

(«Estrella» descoberta em 1925)

PROPOSTA DUVIDOSA



OS MESTRES DA GALANTERIA

CARVÃO MALDITO POR ANSELMO RIBAS (Coelho Netto)

Que alegria na choça dos carvoeiros, isolada na montanha, á sombra do arvoredor sempre verde, com um fio d'água sempre branca a cantar, noite e dia, diante da porta que um jasmineiro em flor ornava e perfumava. Prostrada, os olhos languídos, Ignez, a treloucada Ignez, tinha aconchegado ao seio o filho recém-nascido e o carvoeiro, bom homem, ouvindo os vagidos da criança, tudo esquecia: as abaladas da esposa — cabecinha tonta! — as conversas em que constantemente a surpreendia com os campeiros que a seduziam cantando á viola nas claras noites de luar: ella era sómente a mãe do seu filhinho, desse desejado sêr que vinha trazer alegria á pobre chóça. Quiz vel-o, mas era tão fria a noite que não se atreveu a trazê-lo á sala onde havia claridade, mas na manhã seguinte, á luz alegre do sol, tomou o filho nos braços e sahiu com elle á sala.

— Oh! como é preto! — exclamou o carvoeiro e, com o furor na alma, penetrou o quarto vociferando:

— Ignez, tu me trahiste... Este pequeno é filho de Simão-crioulo...

— Estás louco? Filho de Simão, por que?

— Por que?! Olha como é preto! olha!...

— Preto? a culpa é tua. Bem que eu te dizia sempre: "Menelão, toma banho, tira esse carvão do corpo, lava a cara, lava as mãos..."; nunca me quizeste ouvir e agora vens dizer que o pequeno é filho de Simão-crioulo...

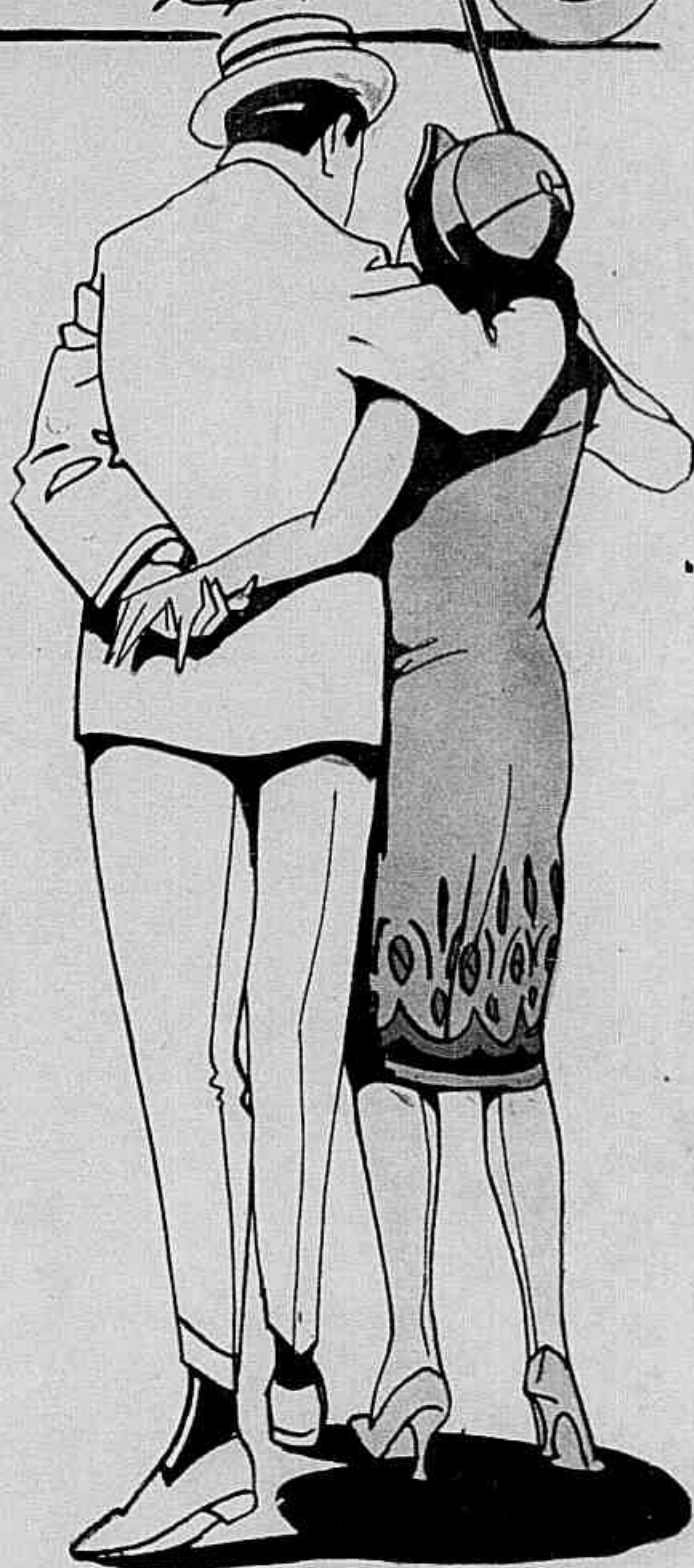
— Ah! minha mãe do Céu! — exclama o misero: — é isso mesmo! Por que não tomei banho, meu Deus?!... Ah! minha mãe do Céu, por que não tomei banho!... Pobre criancinha! ninguém dirá que isso é carvão do pae, vão dizer que é outra cousa...

E Menelão, arrependido, poz-se a chorar, abraçando a esposa:

— E eu que te julguei mal quando o culpado sou eu...

— Eu bem te dizia: toma banho...

— E' verdade, tu bem dizias, tu bem dizias...



ELLA — Este guarda-sol não adianta nada.

ELLE — Queres que eu te cubra?

ANSELMO

RIBAS

O PARÃOÁRA DE Remigio Madeira

Samuel Quixadá era simples sapateiro em Baturité, no Ceará, quando, a tarde, deixando os pregos, a sola e a sovela, resolveu embarcar para o Amazonas, tentado pelas novas coizações da borracha. E um dia, tomando o trem

MASCULINIZAÇÃO FEMININA



— Tu sabes, Maria, que ainda ha uma differença entre o homem e a mulher?

— Uma, não, menina: ha varias differenças.

— ?...

— Umas maiores, outras menores!

na pequena estação do Putiú, lá se foi sertão a baixo, até Fortaleza, e mar acima, até Belém, onde o esperava o seu cunhado Antonio Procopio.

Onde se metteu, de Manãos para cima, o Samuel, ninguém sabia. O que é certo, porém,

é que, oito annos depois, desembarcava na estação do Putiú um grande senhor, legitima figura de parãoára, o chapéo de sol na unha, o correntão atravessado no cóis da calça, e os dedos duros de anneis de brilhantes, uns verdadeiros como a Morte, outros falsos como Judas. No carro da bagagem, vinham seis malas de couro, com o nome do dono, que não era outro senão o antigo sapateiro de Baturité.

O successo dessa chegada encheu, logo, todo o municipio. Samuel voltava rico. E como todo villão que enriquece, voltava soberbo, solemne, pretencioso, olhando tudo, e todos, com ares de superioridade.

Hospedado no hotel da estação, foi ahi que o foi procurar o velho Anthenor Gurjão, pharmaceutico da cidade. Samuel Quixadá recebeu-o sentado, o charuto na unha, palitando o dente.

— Senhor Samuel, eu vim aqui fazer-lhe uma visitinha e pedir-lhe um favor... — começou o pharmaceutico, num sorrisosinho constrangido.

— Diga... — ordenou o paraoára, sem se mover.

— Senhor Samuel, — tornou o velho, — eu tenho um filho, o Manoel, que quer embarcar para o Amazonas...

— E vem pedir-me dinheiro para a passagem, não é?

— Não, senhor, Sr. Samuel; Deus me livre!

— Então, diga... Quer que o recomende a alguns amigos meus de lá... Não é isso?

— Não, senhor, Sr. Samuel; eu quero saber, apenas, em que logar do Amazonas o senhor esteve...

— Ahn! comprehendo... Quer, sem duvida, mandar o seu rapaz para lá...

— Não, senhor, Sr. Samuel, ainda não é isso; pelo contrario! Eu quero saber onde o senhor esteve, exactamente para não mandar o meu filho para lá.

E perverso, o mesmo sorrisosinho humilde, mas desafiador:

— Porque, com certeza, Sr. Samuel, por onde o senhor passou não ficou um vintem!...

R E M I G I O M A D E I R A

A MOEDA DO PHARISEU PELO ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

Em uma das ruas tortuosas e lobregas que iam desembocar nas proximidades da porta de Jaffa, em Jerusalém, haviam alguns escribas, chefiados pelo phariseu Roboão, de Cesaréa, montado a sua pequena officina criminosa, destinada ao fabrico de moeda falsa, com a effigie de Cesar. Milhares de sestercios corriam já nos mercados da Palestina, como se procedessem do erario romano; e era debalde que Herodes recommendava a maior vigilancia, por parte dos publicanos, afim de que não fossem prejudicados pela circulação clandestina os interesses financeiros do Imperio.

Habeis e perfidos, prevendo a descoberta do crime que praticavam, imaginaram os falsarios, certo dia, um meio de desviar as suspeitas que em torno delles se accumulavam; e este consistia em metter nas mãos do Nazareno uma das moedas falsificadas, e chamar os centuriões, fazendo-o prender como o verdadeiro falsificador da moeda romana. Feito isso, esconderam entre as dobras do manto alguns sestercios, e partiram, com a infamia no pensamento, em busca do gallileu.

Sahia Jesus do templo, com os seus discipulos, quando os escribas, tendo á frente o phariseu, se acercaram d'elle, com grandes mostras de veneração. Lendo nos corações mais do que nas physionomias, o rabbino parou, num gesto de bondoso assentimento. E Roboão, de Cesaréa, falou:

— Mestre, sabemos que sois sincero e verdadeiro, e que ensinaes o caminho de Deus sem contemplação com quem quer que seja. Dizemos, pois: é licito pagar o tributo a Cesar, ou não?

E tirando do manto uma das moedas clandestinas, entregou-lh'a.

— De quem é esta moeda? — indagou Jesus, olhando-o significativamente nos olhos.

— De Cesar! — explicou o phariseu, atordado.

Calmo, vagaroso, com a tranquillidade nas maneiras e na consciencia, o Nazareno abaixou-se e, atirando a moeda ao chão, com força, fel-a tinir de encontro á cantaria do sólo. E como reconhecesse, pelo tinido, que era falsa, erguen-

REVELAÇÃO



— Ahn! E' por isso que o papae diz que, na sua viagem de nupcias, eu fui para Petropolis com elle e voltei com a mamãe!...

se pausadamente e, entregando-a ao phariseu, observou-lhe, severo:

— Dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus!

E, dando-lhe as costas, continuou, sereno, o seu caminho.

Almirante Justino Ribas

RECREIO DE VERÃO



Um grupo de veranistas apanhado em Icarahy, á hora em que sopra a brisa do mar.

OS MESTRES DO AMOR

AS MULHERES GORDAS POR

Maurice Magre

• As mulheres que engordam a olhos vistos e que sentem por isso desgosto, topam diariamente amigos que lhe dizem:

— Como têm emmagrecido!

Suscitam as palavras de taes amigos, perguntando-lhes:

— Não acha que tenho emmagrecido?

De igual maneira obrigam a modista complacente a avaliar-lhes a diminuição de carnes por alguns centímetros a menos. Sentem prazer em dar-se á illusão de que não engordam; quando tal conseguem, comem sem peso nem remorsos as iguarias de que mais gostam e que sabem ser susceptíveis de lhes augmentar a gordura.

As mulheres gordas tornam-se cada vez mais gordas, assim como as magras cada vez mais magras. E', pois, insensato dizer com orgulho de uma mulher gorda: "Eu a farei em-

magrecer!" Vê-se na natureza as arvores desenvolver-se, dar folhas e ramos, mas qual é o carvalho que, uma vez magestoso, encurta e retoma as proporções da glande primitiva?

Não devemos esperar das mulheres gordas essa bonhomia, essa jovialidade indulgente que caracteriza os homens gordos. As mulheres gordas são entes cheios de velhacaria e de astucia. Violaram a lei da formosura natural, sentem-no confusamente, mas não o confessarão; tornam-se apologistas da gordura e preferirão sempre a quantidade á qualidade.

São immoveis. Nisto consiste a sua força e a sua perda. Erguem-se perante o amor como um obstaculo insuperavel. Defendem os ideaes burguezes, a virtude convencional; são instrumentos de todos os prejuizos.

Convem contornar as mulheres gordas como os navios contornam os rochedos.

M A U R I C E M A G R E

O que ella lhe puzera na cabeça... por ARMANDO BORBA

Polycarpo Antunes era simples fazendeiro no interior da Bahia, quando, fallecido o seu tio Guilherme, que aqui fôra deputado federal, possuía algumas propriedades e morrera solteiro, teve de vir ao Rio para tratar do negocios da herança. Aqui chegando, porém, teve a ventura de conhecer a Sinhasinha Cunha, moça prezada e de familia, a quem o seu physico de sertanejo desde logo impressionou.

Entre a Sinhasinha e o Antunes havia, comtudo, uma differença formidavel de educação. O rapaz era rude, atrasado, pouco menos do que analfabeto; e a moça, um d'esses espiritos atilados, intelligentes, adeantados, verdadeiros expoentes da cultura feminina no seu paiz.

Sinhasinha era, mesmo, adeantada demais. E como não era egoista, começou, logo depois de casada, a educar e instruir o marido, ensinando-lhe o portuguez, a geographia, o francez, pondo-o, emfim, em contacto com a sociedade e com a civilização.

— Hei de te metter na cabeça tudo que um

homem fino deve ter! — dizia-lhe frequentemente a moça.

E levando-o ás festas, aos chás, aos passeios em que lhe não convinha comparecer sosinha, ia tornando o Polycarpo, aos poucos, um verdadeiro homem de salão.

Ao fim de cinco annos, era, em summa, o casal Polycarpo Antunes um casal de "élite". Frequentava as altas rodas, comparecia ás grandes solemnidades, figurava no noticiario elegante dos jornaes.

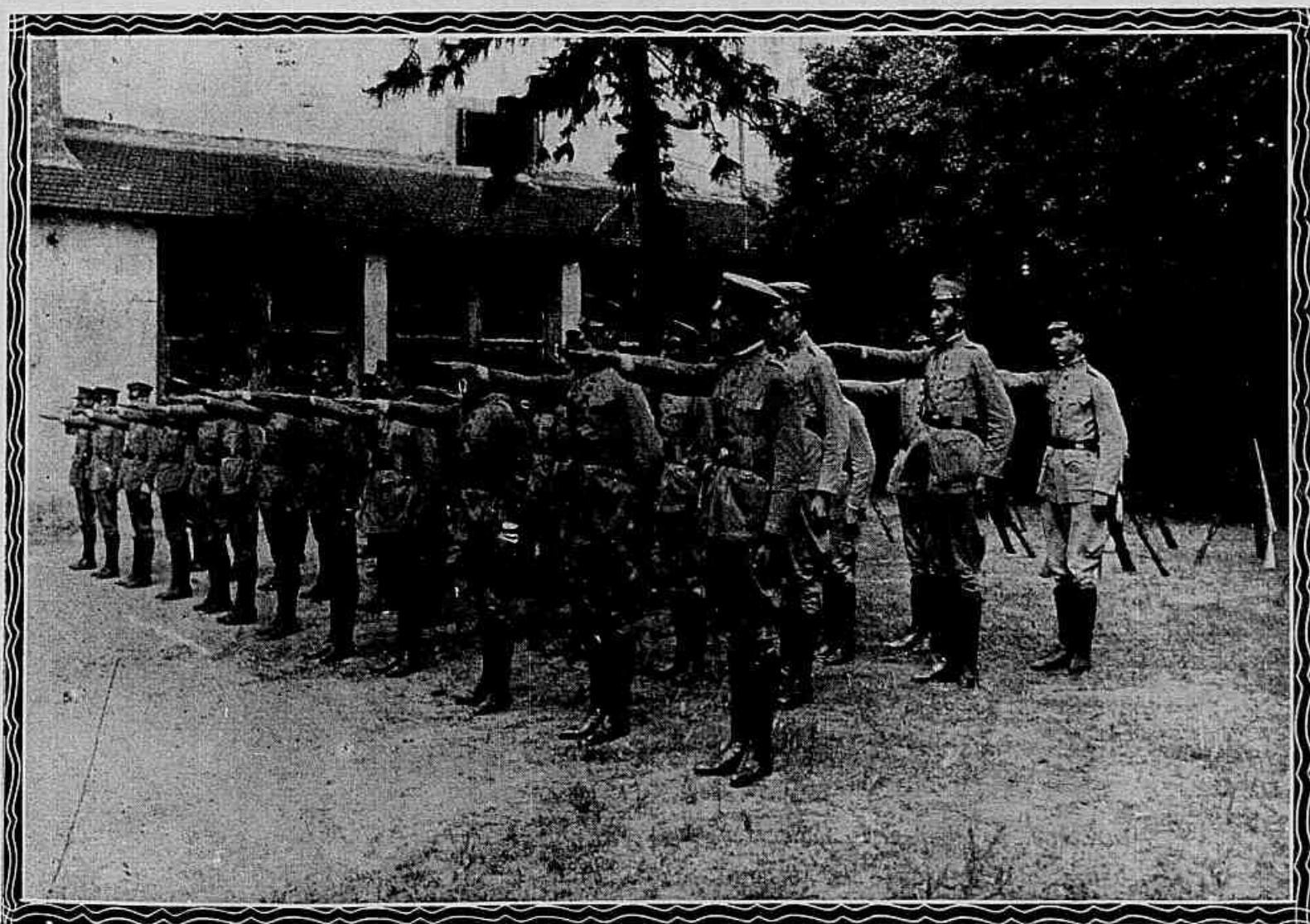
No meio de tudo isso, entretanto, Polycarpo não esquecia o esforço de Sinhasinha. Ella é que o educára. As cousas que sabia, devia-as a ella. O que apprendêra, provinha de lições suas. Ella é que lhe ensinára o portuguez, o francez, a geographia, a Historia Natural. Por isso não, se cançava de dizer:

— Tudo que eu tenho na cabeça, devo á minha mulher!

E quanta cousa, coitado! Tinha elle na cabeça!...

A R M A N D O B O R B A

TRABALHO E PATRIOTISMO



Alunos da Academia de Commercio, prestando o juramento á Bandeira da Patria.

PRAIA DO FLAMENGO



Aspecto da elegante praia carioca, á tarde, na hora em que a gente chic faz que toma banho.

A Receita de SOUZA KALDAS

Alice, rapariga de vinte annos,
 Bonita, intelligente,
 Dessas que fazem ôlho a toda a gente
 Na perigosa idade dos vinte annos,
 Casara-se, coitada!
 Com um velho opulento, — alma vencida
 E corpo gasto pelas mãos da Vida.
 A misera julgara que o dinheiro
 Poderia comprar o mundo inteiro,
 E fazel-a feliz...

O ouro não é, porém, como se diz...
 Certo dia, uma subita tristeza,
 Tenaz e inexplicavel,
 Uma ancia de chorar, insopitavel,
 Que era angustia e incerteza,
 Começou a mostrar-lhe, em som profundo,
 Que ha muita coisa bem melhor no mundo...

Passavam tempos e o seu mal crescia.
 E ia terrivel, quando, certo dia,
 Passou no logarejo,
 Um medico inda moço, mas de fama.

Chamado a custo para ver Alice,
 O rapaz foi sincero: "Eu nada vejo
 De grave e sério na senhora" — disse.

— "Sou, entretanto, de cruel franqueza
 Vê a senhora sobre aquella mesa
 As flores que lá estão?
 Pois, bem; mande regal-as; e animadas
 Se moverão as petalas fanadas
 Numa ressurreição..."

— "E como as flores, sois tambem, senhora.
 Não vos falem jamais no instante e na hora
 Agua para o calor...
 Que vos dêem carinhos... Não os tendo,
 Ireis, a pouco e pouco, fenecendo
 Nos deliquios... do amor..."

Ouviu a pobre moça a voz do moço.
 — "Ai de mim, meu senhor!"
 Gemeu a desgraçada. E em alvoroço,
 Atirando-lhe os braços ao pescoço:
 — "Dê-me... agua, doutor!..."

S O U Z A K A L D A S

HISTORIAS DE ISRAEL

O BOM PAGADOR POR JACOB BENOLIEL

Para o velho Abrahão Bensabat, o conhecido usurario da casa de penhores da rua Luiz de Camões, foi uma dôr de coração quando soube, por intermedio do guarda-livros, que o seu empregado Marcolino Vidigal andava de namoro com a sua filha Rachel.

— Um christão daquella ordem? Que o Senhor meu Deus me rache se eu consentir em semelhante profanação da minha casa!

Certo dia, ao entrar no gabinete do velho agiota, afim de dar-lhe uma cautella para assignar, notou o Vidigal, sobre a mesa, duas libras esterlinas, luzentes como duas joias. Ao dar com ellas, e como o usurario não se achasse presente, teve o rapaz uma tentação. As duas moedas pareciam, mesmo, dois olhos de mulher a convidal-o, a animal-o, a desafial-o para um acto de posse.

— Mas se eu roubar as moedas, elle me passará revista, e eu serei descoberto, — reflectiu. — Eu sei, porém, o que faço.

E tomando as duas libras, metteu-as, uma de cada vez, na bocca, engolindo-as.

— Para começar a fazer fortuna, bastam, — pensou. — Amanhã, quando ellas sahirem, guardal-as-ei, e serão o principio do meu peculio.

Momentos depois estava no gabinete o velho Bensabat. Procurou as moedas e, não as encontrando, poz logo a bocca no mundo:

— Patife! Ladrão! Scelerado! Foi o bandido desse rapazola!

E aos gritos:

— Segurem-n'o! Tragam-n'o aqui!

Arrastado por dois outros empregados, foi o pobre Vidigal obrigado a engolir um purgante de oleo de ricino, e mettido num quarto, sob vigilancia. De dez em dez minutos o velho Abrahão ia vel-o.

De subito, começaram as dores. Com um vaso na mão, o usurario ia aparando. E ia contando os sonidos, a cada moeda que cahia:

— Uma... duas...

E logo com esta:

— Tres!

O Vidigal havia engolido duas moedas, e deitado tres.

— E's um homem de bem, meu filho! — bradou o agiota, abraçando-o. — Pagas o juro de tudo que recibes.

E entusiasmado, chegando-o ao peito:

— Vaes ser meu genro, Vidigal!...

Jacob Benoliel

PREVENÇÃO



— Menina, menina! olhe que o cano está furado e lhe pode regar as flores!

— E para que nasceram as flores, "seu" Manoel?

O HUMORISMO NOS ESTADOS (PARÁ)

CHROMOS DE JACQUES FLORES

I

Terminara a ladainha.
E, ruidosa, toda gente
na phisionomia tinha
um ar festivo e contente.

Da sala até á cozinha,
de cigarrão preso ao dente,
o Zé da Cruz ia e vinha
gingando o corpo, imponente.

Nisto, encarando a Francisca,
diz uma graça, e, sorrindo,
cynico um olho lhe pisca.

E ella, que o moka fazia,
a testa larga franzindo,
responde: — Axi, porcaria!

II

Manhã radiosa. Ligeiro,
num alazão repimpado,
passa no campo o vaqueiro,
tangendo um lote de gado.

No curral, onde o lameiro
se espalha por todo lado,
bérra, faminto, um carneiro
e grunhe um porco malhado.

Perto relincha um cavallo,
e, assim, em cima dum tóco.
"qui-qui-ri-có!" canta o gallo.

E, após tomar o chibé,
vê-se sentado um "cabôco",
tirando bicho do pé!

III

Deitada na rêde, a "Lóra",
após comer um beijú,
ninando o filho que chora,
canta a "Murucututú".

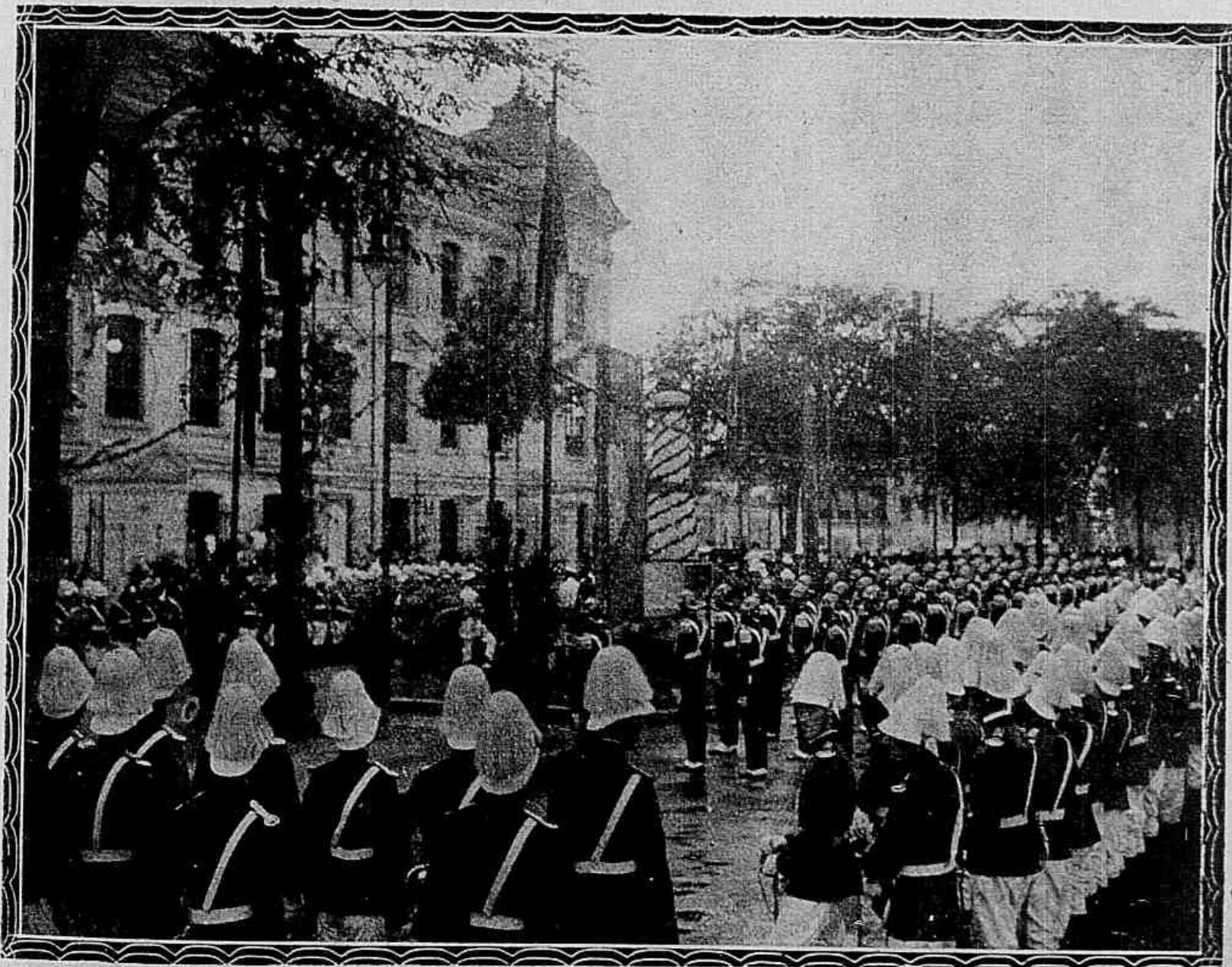
Estronda a chuva lá fóra.
E sentado no b-lú,
que serve á porta de escora,
o "Pólo" come um cajú.

Ahi, a Guita, correndo,
entra no quarto, dizendo:
— Olhe, nha mãe, o Pery,

agora, lá na cozinha,
derramou toda farinha,
e, em cima, fez "pixixi"!

JACQUES FLORES

GLORIAS MILITARES



Foi sollemnemente inaugurado, esta semana, o monumento commemorativo da batalha de Passo do Rosario, que, dizem os argentinos, foi perdida por nós. Pela historia dos dois povos... os dois venceram! Ainda bem.



Foi inaugurado na Alfandega, esta semana, o busto do antigo inspector Paula e Silva. Modelo como funcionario e como amigo, Paula e Silva merecia figurar depois da morte no lugar em que passou toda a vida.

OS VAGALUMES por João Jorio

— Ella é bonita, sim.

— Não é, D. Filó. Ella parece bonita porque se acha em um lugar em que só ha moças feias. Em um salão de senhoras realmente bonitas e elegantes, a formosura della desappareceria. E ella faz isso, de proposito. Duvido que a vejam em grupo de moças lindas. O seu cuidado consiste em procurar as feias, para ficar em evidencia.

Era assim que conversavam duas senhoras edosas, em um canto da sala, na ultima recepção dos Almeida Moraes, quando o desembargador Francellino Fagundes, que se achava perto, observou, dirigindo-se á mais velha:

— A senhora sabe o que é um vagalume, D. Perpetua?

— Por que desembargador? — estranhou a velhota, sorridente, voltando-se para o illustre magistrado.

O velho juiz aposentado acariciou as guias do bigode branco e cuidado:

— E' uma pergunta apenas.

E accentuou:

— O vagalume, como a senhora sabe, tem a sua lanterninha atraz, como as motocyeletas. Conhecendo, porém, a fraqueza da sua luz, passa os dias escondido nas arvores, das quaes sae á noite afim de fazel-a sobresahir na escuridão.

E acrescentou:

— Si os vagalumes sahissem a brilhar de dia, á caridade do sol, alguem daria por elles?

As velhotas entreolharam-se, e comprehenderam a critica do magistrado ao caso que ellas discutiam. Effectivamente, quem se aperceberia dos vagalumes, se elles não procurassem desabrochar como flores de um minuto, nos impávidos canteiros da treva?

J O Ã O J O R I O

REMINISCENCIAS DE UMA VISITA



Festa a bordo do cruzador allemão "Berlín", vendo-se o commandante desse vaso de guerra e o ministro da Alemanha no Brasil.

Victor Hugo e as mulheres

Victor Hugo tinha o habito de, á tarde, três vezes por semana, sahir de casa, sem se fazer acompanhar. Era nos ultimos annos da sua vida, e a familia se inquietava seriamente com esses passeios do grande velho, cujo fim não podia comprehender. Um dia, um dos seus intimos resolveu seguil-o de longe, afim do apurar o objectivo d'essas fugas mysteriosas.

O curioso não tardou em descobrir a verdade. Victor Hugo dirigia-se á casa de uma rapariga, joven ainda, de nome Claudina, que exercia uma industria que a moral reprovava, mas... que a sociedade toléra.

Reuniu-se um conselho de familia para tratar do assumpto. Seria um escandalo se esses passeios do poeta chegassem ao dominio do publico. Uma reputação universal dependia d'aquelle segredo. Além de tudo, que resultado poderia ter, de repente, um exercicio d'aquelle ordem em um homem d'aquella idade?

Os parentes resolveram intervir, e dois delles foram incumbidos de procurar a tal Claudina, a

qual guardava, no seu mister, uma certa circumspecção.

— Ah! Os senhores vêm me fallar do sr. Victor? — exclama ella. — E' um homem admiravel! Eu aqui não aceito senão gente seria, direita, como elle. A gente já conhece os habitos. E o sr. Victor é um verdadeira assignante. Não falta nunca!

Os emissarios comprehenderam que a mulher não conhecia a identidade do grande homem. Para ella, elle era simplesmente o sr. Victor. Isso os tranquillizou. Não obstante, resolveram intervir, dando-lhe conselhos de moderação.

— Procure sempre fazel-o voltar para casa o mais cedo passivel... Elle já não é novo... pode-se fatigar...

A rapariga riu:

— Ah, meus senhores, por isso, não! Elle não se cança!

E com uma gargalhada:

— Quem se cança... sou eu!...

ALCOVA DOS POETAS

VERSOS DO BOM TEMPO de Arthur Azevedo

Quando não vens, formosa deshumana,
E, saudosos de ti, sem ti, me deito,
Fica tão espaçoso o nosso leito,
Que até parece o Campo-de-Santanna.

Quando não vens, ó pallida tyranna,
Torna-se lugubre o quartinho estreito!
Com muitas flores, flor, debalde o enfeito:
Falta-lhe a flor das flores soberana.

Se vens, é natural que isto me apraza;
Mas se não vens, quanta amargura, quanta!
As proprias cousas sentem nesta casa!

E' o relógio, porém, que mais me espanta,
Pois, se não vens, o misero se atrasa,
E, se vens, o ditoso se adianta!

Arthur Azevedo

CELEBRIDADES DO RIO



Aspecto da famosa "Ilha dos Promptos", no largo do Machado, após a missa das 11, na hora do «péga o bonde!»

HISTORIAS MARSELHEZAS

O Consôlo por EDOUARD RAMOND

A mulher de Gongourde, o pobre Gongourde que é bilheteiro da Estrada de Ferro, enganava com um descaramento inqualificavel. Gongourde pensa em matal-a, mas prefere queixar-se aos paes da rapariga.

— A minha situação, meu sogro, é a mais lamentavel do mundo. Se a sua filha continuar a proceder como até agora, eu dentro de pouco tempo não poderei passar pela porta de casa sem ficar enganchado no caixilho!

— Ora, rapaz, deixa-te disso! — responde-lhe o velho. — Vae tendo paciencia, que isso passa.

E batendo-lhe no hombro:

— Olha, a mãe d'ella era a mesma cousa. Enganava-me com toda a gente aqui na aldeia. Hoje, no entanto, é outra. Depois que creou barba, que os seios lhe tomaram sobre o umbigo, que perdeu os dentes e lhe cahiu o cabelo, é uma santa esposa, incapaz de me trahir. Tem, pois, paciencia. Dentro de vinte annos, a tua mulher estará como a mãe d'ella, e tu verás o que é uma esposa verdadeiramente modelo!

E tomou uma pitada, contente.

E D O U A R D R A M O N D

Para que um casal seja feliz é preciso que o marido seja surdo e a mulher cega. — Affonso de Aragão.

×

O casamento é serio e triste. Centenas de casados morreriam de fastio e languidez sem o auxilio das pequenas distrações. — Marivaux.

Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus

Tratamento especial indolor das

HEMORRHOIDAS

SEM OPERAÇÃO

DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS

Da Faculdade de Medicina

Rua do Passeio, 56-Sob.

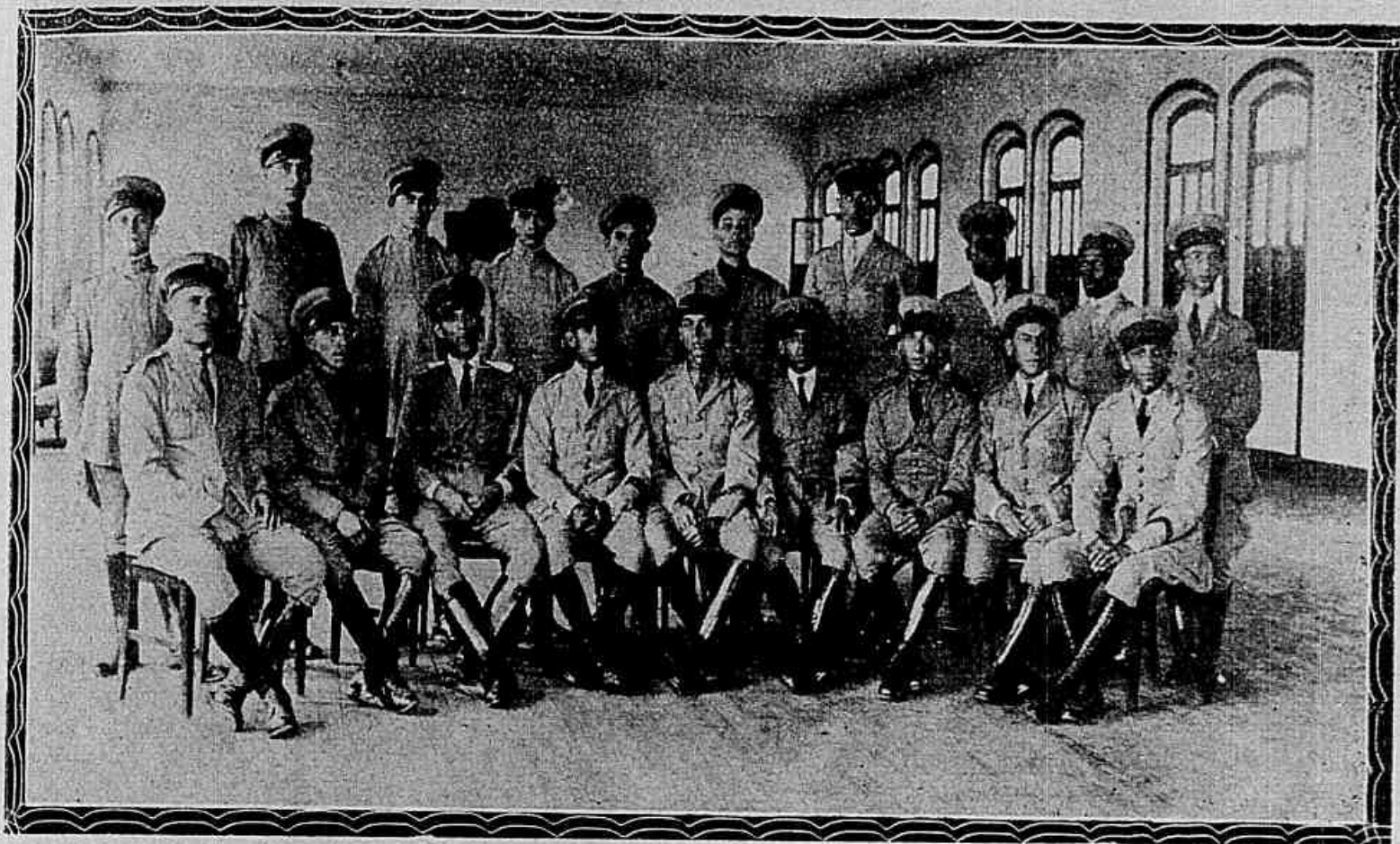
Cons. de 1 ás 4 horas

A maioria dos maridos se encantam na rua porque saem desencantados da sua casa. — Castro y Serrano.

×

São de tal especie as mulheres, que se o marido ama o que ella aborrece, logo ella aborrece tudo o que elle ama. — Fr. A. de Guevarra,

NOVAS AZAS PARA O BRASIL



Receberam o "brevet" de aviadores, novos alumnos da Escola de Aviação Naval. São novas azas para defeza céo e da terra do Brasil.

Historias meudinhas

A Viagem do Gaudencio por Lopo Mendonça

O Gaudencio, "mordedor" velho, precisava fazer uma viagem e nunca pensou no bilhete. No dia em que resolveu isso, correu á Central, e tomou o trem. Antes da estação de Belém, aborda-o o conductor:

— O seu bilhete.

— Eu não tenho bilhete.

— Então, salte na primeira estação.

Quando o trem parou, o Gaudencio apeiou-se. Ao chegar á Barra do Pirahy, o conductor dá de cara com elle, em outro carro.

— Fôra d'aqui! já!

E applica-lhe um ponta-pé na parte carnuda do fim da espinha, fazendo-o pular, teso, na plataforma da estação..

— Ao chegar a Barra Mansa, lá estava outra vez o Gaudencio. Outro ponta-pé outro pulo, a esfregar a parte onde o pé attingiu. E o Gaudencio a entrar, outra vez, pelo outro lado do carro.

O episodio repetiu-se ainda em Rezende, em Cruzeiro, em Lorena. Em Guaratinguetá o conductor segurou-o pela gola:

— Venha cá, "seu" patife! Até onde você quer levar essa brincadeira?

— Até onde? — fez o Gaudencio.

E com a cara mais sem-vergonha d'este mundo:

— Se o fundilho aguentar, vou até São Paulo!...

LOPO MENDONÇA

Casar-se por amor, é vestir-se para os 40° de temperatura, sem pensar que tambem ha temperatura abaixo de zero. — Paulo de Kock.

×

O casamento é uma ligeira voluptuosidade que termina sempre em um continuo desgosto. — P. Du Bosc.

Sobrepuja os similares!



Não hesito em recomendar-o aos que soffrem, porque o considero um preparado que sobrepuja todos os similares, constituindo uma especialidade pharmaceutica a que a sciencia deu o seu beneplacito.

Pelotas, 5 de Novembro 1912

Dr. Luiz Catão dos Santos Silva

Entre o amor e a posse, ha a differença de que o primeiro é um desejo infinito e o segundo é um desejo satisfeito. — Saint-Prosper.

×

A maioria das mulheres seduzidas pelos homens só exigem uma cousa: casar-se com elles. E' uma vingança terrivel! — Beaumanoir.

O QUE ELLES NÃO ESCREVEM...

Allegoria academica

Na Academia não se discute apenas o Dicionário da língua: a língua trata, também, de cousas que occorrem aqui fóra. Na ultima sessão, por exemplo, tratou-se do Carnaval.

— O que mais me agradou nos prestitos, — opinou o sr. Laudelino Freiré, — foi aquelle carro em homenagem ao Gustavo Barroso.

E como ninguém comprehendesse:

— Aquelle dos "Tenentes", carregado de medalhinhas!

X

A meia

O illustre poeta está naquella idade em que o pobre, sabendo-se pobre, não quer que se tenha conhecimento da sua pobreza. Para impedir a divulgação desse facto, procura elle, por isso, dar a impressão de que está mais moço do que nunca, fallando nas mulheres e fazendo com que ellas lhe telephonem para o Petit-Trianon emquanto elle se encontra por lá.

— Mas, fulano é, ainda, o que diz? — indagava um collega, de uma das apaixonadas do "immortal".

A rapariga riu:

— Qual, filho!

E garôta:

— Você já viu uma meia cheia de areia?

Pois, é isso!

E riu, outra vez.

X

Vanitas...

Aquelle academico foi o maior "bluf" pregado á Academia nos ultimos annos. Antes de entrar, era, para cada candidato, mais um creado do que um amigo: era humilde, affavel, servical. De dois em dois passos encontrava um fiapo na roupa da gente. Apanhando-se, porém, eleito, quer ser o primeiro da casa: o mais intelligente, o mais erudito, e, até, o mais elegante.

— Um homem vaidoso!... — exclamou

Coelho Netto, um destes dias, enojado. — Eu não comprehendo a vaidade em homem.

E desperdiçando o ouro da sua imaginação:

— Variedade não é defeito: é joia. Por isso mesmo, só fica bem em mulher...

X

O guia

Quando estava no Rio o escriptor Souza Pinto, um dos seus primeiros cuidados, como professor de literatura brasileira na Universidade de Lisboa, foi ir ao Petit-Trianon. Homem moço, e novo na terra, andava, parece, em certas necessidades. E foi por isso que, terminada a sessão da Academia, e perdida a cerimonia, perguntou elle, discreto, ao porteiro:

— Diga-me cá, amigo: onde é por aqui o bairro... como direi?... o bairro em que a gente encontra mulheres?

— Ah! é simples! informou o empregado. — O doutor está vendo aquelle senhor moreno... já meio velho... aquelle que vae acolá?

Indicou um "immortal" conhecidissimo, grande poeta, e concluiu:

— Pois, não tem que errar. O senhor vae nas aguas d'elle, que elle, sabendo daqui, vae direitinho p'ra lá!

X

O leite da Justiça

O desembargador Ataulpho tem por habito, onde chega — na Côrte de Appellação, no barbeiro, no Conselho Nacional do Trabalho, — tomar um copo de leite bulgaro, que lhe é levado por um criado. A's quintas-feiras, o leite da garrafinha lhe é servido na Academia.

— Que diabo! — estranhou uma destas semanas, o sr. conde de Laet. — Quem fornecerá esse leite ao Ataulpho?

— Dizem que é o Fernando Magalhães... — informou, baixo, o professor Afranio Peixoto.

E mais baixo, ainda:

— Vem da Maternidade...

BONECOS FALANTES



O SR. AZEVEDO LIMA: — Sr. Presidente, eu sou um "esquerdista" nato. Basta dizer que eu fiquei assim nervoso, sr. Presidente, porque, no collegio, eu só me servia da canhóta!



PARA DÔRES
RHEUMATICAS
CONSTIPAÇÕES
DÔRES NO PEITO E NAS COSTAS
eu e minha familia
sempre usamos

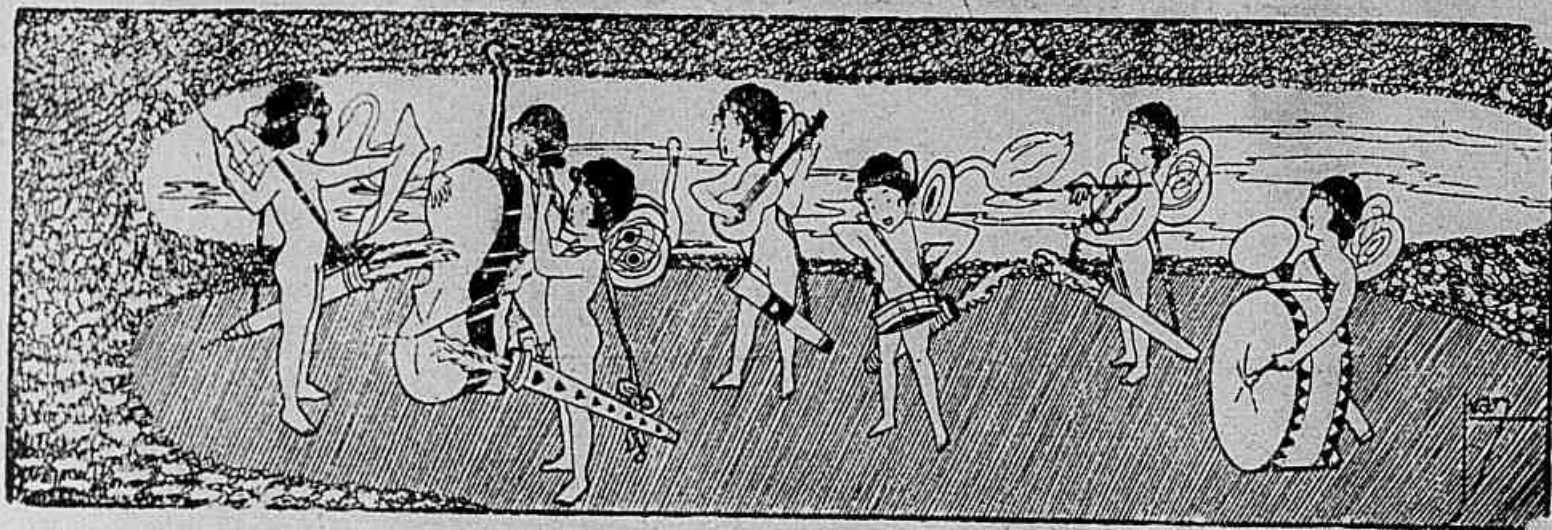
**EMPLASTRO
PHENIX**

OPTIMO NOS RESULTADOS

MARCA



REGISTR.



PERSPICACIA por João Fortunato

Sentado no soalho, com os olhinhos muito vivos, muito negros, e o rostinho muito vermelho, esbofa-se o Zéquinha em desarticular, com um martellinho do tamanho do seu dedo, uma pequena caixa de madeira, empregando nessa actividade a mais accentuada attenção. Aquella obra constitue, para elle, um formidavel trabalho de engenharia. Eiffel, ao examinar, no Campo de Marte, em Paris, a torre que tomou o seu nome, não se sentiu, talvez, tão cheio de orgulho. Cheops, ao fitar, no Deserto, estampado no horizonte sanguinolento do Egypto, o perfil da pyramide que lhe celebrava a gloria, não se sonhou, com certeza, tão seguro da propria immortalidade.

— Zéquinha ? — chamou, de repente, a avó, da sala de jantar.

Embevecido com o seu monumento, que ideava tão alto como uma gaiola, o pirralho não respondeu. A sua intelligencia de tres annos estava, inteira, consagrada áquelle projecto incomparavel. E o martellinho cantava, inutil, na taboa fragil, quando o papae atravessou o cor-

redor, transformado em officina de Lilliput, em direcção ao banheiro, onde ia, talvez, fazer a barba.

— Luiz ? — chama a esposa, meiga, da sala de musica.

— Não posso ir, — responde o marido, continuando o seu caminho.

E explicando-lhe de longe:

— Vou apressado; vou fazer uma cousa que ninguem pôde fazer por mim !

A essas palavras do pae, Zéquinha interrompe a sua engenharia, levanta o rostinho brejeiro, e em que brilham os olhos muito argutos e os dentinhos muito meudos, e aparteia, dirigindo-se ao "velho":

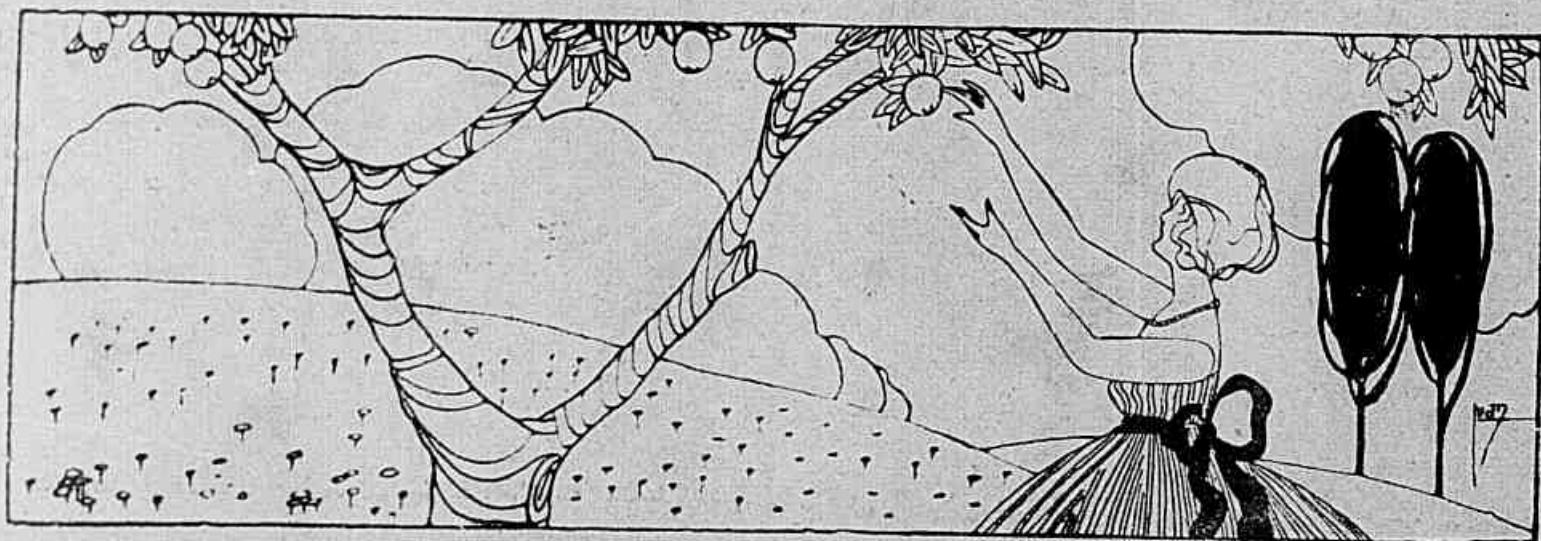
— Eu sei o que é, papae !

O pae fita-o, severo, esperando uma tolice. Mas o Zéquinha insiste, patenteando o seu pensamento:

— Papae vae é... beijar a mamãe. Não é ?

E continúa muito vermelho, a desmanchar a caixa, fazendo soar, uns sobre os outros, os golpes do seu martellinho.

JOÃO FORTUNATO





USEM CAMISAS

4 em 2

(Quatro punhos em dois)

Praticas e economicas

Valiosa invenção

Patenteada sob o n. 15263

pela

“A Capital”

RÍO-S.PAULO.